



José Renato Balin Presidente da APL
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Presidente quer aproximaçã o com o Interior

Ramon Franco

No ano que vem a Academia Paulista de Letras, conhecida pela sigla APL, completará um século de existência. Inspirada no modelo da Academia Francesa, que também serviu de molde para a tradicional Academia Brasileira de Letras, a entidade literária tem sede na capital paulista. Presidida pelo escritor de obras jurídicas e desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), Renato Nalini, a APL pretende estreitar o relacionamento com a literatura vinda do Interior. O desejo de todos os 40 acadêmicos de uma aproximação é revelado numa entrevista concedida pelo acadêmico através de e-mail. Entre a rota São Paulo-Brasília, Nalini, que decidiu também se aventurar pelas letras ficcionais, ou emotivas como ele aponta, comentou a recém-admissão do novelista e escritor Walcyr Carrasco. Carrasco, autor de novelas da Rede Globo, passou boa parte da infância e adolescência em Marília. Nascido em Bernardino de Campo, o novo acadêmico foi muito elogiado pelo confrade Nalini. “Walcyr é um grande escritor. As pessoas o conhecem mais pela crônica quinzenal em Veja. Seu estilo faz com que milhões de pessoas o leiam e comentem suas mensagens que são sempre emotivas”, frisou. O presidente da APL aproveitou para convidar todos os escritores do Interior a participar das reuniões da entidade, realizadas sempre às quintas-feiras, na sede, localizada no Largo do Arouche, nº 324, na capital. Leia a seguir a entrevista completa.

A Academia Paulista de Letras, APL, acaba de eleger Walcyr Carrasco, um novelista que tem suas origens no interior do Estado. Como é o relacionamento da APL com a produção literária vinda do interior?

Renato Nalini: Ainda é menor do que gostaríamos. Muitas cidades do interior têm suas Academias de Letras e a Academia Paulista de Letras seria uma espécie de ponto de convergência de todas elas. Por iniciativa de alguns acadêmicos, há vinculação intensa com algumas delas. Assim, Anna Maria Martins, nossa Secretária Geral, freqüenta a

Academia de Caçapava e a de Santos. Francisco Marins impulsiona a de Botucatu, assim como Hernâni Donato. Ignácio de Loyola Brandão é pessoa gratíssima em Araraquara. Esperamos que Walcyr agora faça o link entre a APL e a Academia de Marília. É claro que todos os escritores que quiserem visitar a APL são muito bem vindos para as nossas reuniões todas as quintas-feiras, na sede do Largo do Arouche, 324.

Na sua concepção a literatura paulista tem uma característica própria? Ou é um mosaico cosmopolita?

Renato Nalini: Já não se pode falar em literatura paulista, pois São Paulo é uma verdadeira pátria literária. Aqui vicejam todos os gêneros. Antigamente ainda se podia selecionar tendências do conto paulista em suas várias vertentes. Hoje, há livros que poderiam ter sido escritos em qualquer lugar do mundo. Veja-se Lygia Fagundes Telles: é uma romancista que penetrou em muitos países. É traduzida em todo o mundo e já ganhou o prêmio Camões, o verdadeiro Nobel da Língua Portuguesa. É muito bom que haja essa variedade e que todos escrevam. É um dos caminhos para não perder a lucidez neste mundo conturbado. O outro é amar. O melhor é amar e escrever...

Sobre a APL, como é seu desenvolvimento institucional?

Renato Nalini: A APL é uma instituição centenária. Completará 100 anos em novembro de 2009. Tem 40 cadeiras, criada a exemplo da Academia Francesa, que forneceu o modelo para todas as demais. Hoje, felizmente, está com as cadeiras completas. Quando assumi, proibi os acadêmicos de morrerem durante a minha gestão. Lamentavelmente, cinco desobedeceram. Quando somos 40, existe até quem nos despreze. Somos 39 e nos cercam de gentilezas, com vistas àquela vaga. Mas as reuniões são simpáticas e produtivas. Todas as quintas-feiras nos reunimos para discutir temas, para conferências e para salvar o idioma. São verdadeiras aulas e nelas crescemos em reflexão. Além do bom convívio. APL é uma casa do bom convívio.

Com relação ao mercado editorial paulista, qual é a sua interpretação das políticas editoriais das editoras do Estado?

Renato Nalini: Vejo que hoje há espaço para todos. Lamento apenas que se dê preferência para a publicação estrangeira. A grande divulgação, o marketing, é prioritariamente voltado para os best-sellers. Obras de discutível valor literário são impostas pela propaganda a um público ainda pouco leitor. Toda tentativa de fazer de São Paulo um "estado leitor" é válida e elogiável. O importante é que todos leiam. Como diz a Lygia Fagundes Telles, livros há em abundância. O que está faltando é leitor.

O Mapa Cultural Paulista tem uma forte influência no interior de São Paulo, inclusive em 2007 o gênero crônica foi introduzido na competição. O mesmo não ocorre na Capital, são poucos os autores em começo de carreira que conhecem este torneio da Secretaria de Estado da Cultura. O senhor acredita que o Estado deveria oferecer mais iniciativas culturais para despertar o talento dos jovens autores?

Renato Nalini: Sim. E parece que João Sayad, o Secretário da Cultura, mirou em sua proposta. Instituiu o maior prêmio literário do Brasil e premiará com 200 mil reais o melhor romance e a melhor obra literária original de autor novo. O concurso está aberto e pode ser conhecido mediante acesso ao site da Secretaria Estadual da Cultura. Todo e qualquer concurso é uma chamada à criatividade. É importante incentivar a escrita por todas as formas. Nem é necessário, às vezes, um grande prêmio em dinheiro. Basta publicar a obra, que isso já estimula o verdadeiro amigo das letras. A APL tem um prêmio que este ano contemplou a poesia e o vencedor foi o poeta Álvaro Alves de Faria.

Como podemos criar um Estado de leitores? O senhor acha que lê-se pouco em São Paulo?

Renato Nalini: Infelizmente, não sou eu quem acha. São as estatísticas. O brasileiro lê menos de um livro por ano. E mesmo assim, de auto-ajuda ou didático. O importante é incentivar as crianças. Fazer com que elas encontrem tempo e estímulo para se dedicar à leitura, nesta época de tanta eletrônica. A comunicação eletrônica não precisa competir com a leitura, mas pode inclusive, acelerá-la, mediante divulgação mais célere de boa literatura. A preocupação deve ser de toda a sociedade. Os pais precisam dar mais livros para seus filhos. As escolas, exigir mais leitura mas fazê-lo de forma a animar a criança a ler, não a assustá-las. Em casa, no clube, no trabalho, na igreja, em todos os espaços deveriam existir uma "pausa para leitura", seguida de discussão em grupo. É assim que se forma um Estado de leitores.

Qual a avaliação da APL sobre a obra de Walcyr Carrasco?

Renato Nalini: Walcyr Carrasco é um grande escritor. As pessoas o conhecem mais pela crônica quinzenal em Veja. Seu estilo faz com que milhões de pessoas o leiam e comentem suas mensagens que são sempre emotivas. Essencialmente humanas. Ele consegue transmitir aquelas sensações e sentimentos que todos já experimentaram e nem sempre sabem traduzir. por isso é que sua fala atraente cala na alma de todos os leitores. Mas, além disso, ele escreveu inúmeros livros que são devorados por pessoas comuns. Acredito que ele possa impulsionar um movimento de leitura em todo o Estado e propiciar interesse maior pela literatura junto às crianças e aos jovens, principalmente. Foi uma excelente aquisição. Além disso, é uma pessoa bem -humorada, um amigo leal e a APL se enriqueceu - ficou milionária - com o seu ingresso.

Falta para a APL um relacionamento maior, uma aproximação maior, com os leitores?

Renato Nalini: Sim. Tento fazer essa abertura. Por isso é que insisto em recrutar a atenção da mídia e motivar meus confrades e confradeiras para essa abertura. Acho que as novas aquisições vão favorecer esse projeto. No centenário, a APL será outra, embora preserve a tradição que é irrenunciável. Afinal, foi a casa de Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade. E hoje é a casa de Lygia Fagundes Telles,

Ignácio de Loyola Brandão, Paulo Bomfim, Walcyr Carrasco, Gabriel Chalita. São pessoas muito lidas e muito queridas. Têm tudo para atrair mais e novos leitores.

Fale um pouco de sua trajetória literária e a eleição para a presidência da APL?

Renato Nalini: Na verdade, sou um mero juiz que teve o privilégio de ser lembrado para a APL, talvez até para suprir uma cota. As Academias costumam ter um magistrado, um sacerdote, um jurista, um político, um cientista, um músico, etc. Escrevo todos os dias. Mas redijo votos, ou seja, acórdãos em que julgo o meu semelhante. Não é o suficiente. Dediquei-me à ética há vários anos e escrevi "Ética Geral e Profissional", hoje em 6ª edição pela RT, "Ética Ambiental", hoje em 3ª edição, pela Millennium, "A Rebelião da Toga", 2ª edição pela Millennium, que não deixa de ser uma conclamação da comunidade jurídica pela ética. Se os juristas forem mais éticos, o Brasil poderá ser muito melhor. Não costumo incursionar pela ficção ou hesito muito em fazê-lo. Já consegui destravar um pouco a emotividade ao escrever "Benedita entre as mulheres", forma de atenuar a dor pela morte de minha mãe, em 2005. Sentei-me ao computador e derramei o meu sofrimento como purgação. Mas é uma obra praticamente doméstica. Foi para mim mesmo e para a minha família. Com isso, vi que posso escrever outras coisas. Depois de velho, vou me aventurar por outras searas. É uma forma de renovação e de enfrentamento de outros desafios. Cheguei à presidência da APL por generosidade de Ives Gandra da Silva Martins, que me antecedeu. É uma honra presidir esta Casa que já foi presidida por Altino Arantes e por Macedo Soares mais longevamente e por Rubens Teixeira Scavone mais recentemente. Faço o que posso para preservar a tradição, mas para renovar também o ânimo de meus pares. É uma instituição que tem responsabilidade ética e social. Lembro isso todos os dias aos meus confrades e confreriras.